

HENNING MANKELL

O GUERREIRO  
SOLITÁRIO

TRADUÇÃO  
George Schlesinger



COMPANHIA DAS LETRAS

---

Copyright ©VILLOSPÅR 1995 by Henning Mankell  
Publicado mediante acordo com Leopard Förlag, Stockholm and Leonhardt  
& Høier Literary Agency A/S, Copenhagen.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua  
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original:

*Villospår*

Traduzido da versão inglesa *Sidetracked*,  
de Steven T. Murray

Capa:

*Elisa v. Randow*

Foto de capa:

*Jonn/Jobnér Images/ Corbis (DC)/ LatinStock*

Preparação:

*Cacilda Guerra*

Revisão:

*Erika Nakabata*

*Valquíria Della Pozza*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

---

Mankell, Henning

O guerreiro solitário / Henning Mankell ; tradução  
George Schlesinger. — São Paulo : Companhia das  
Letras, 2010.

Título original: Villospår.

ISBN 978-85-359-1656-0

1. Ficção policial e de mistério (literatura sueca) 2.  
Romance sueco I. Título.

10-03073

CDD-839.737

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura sueca 839.737

---

2010

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

*REPÚBLICA DOMINICANA*

*1978*

*SKÅNE*

*21-24 DE JUNHO DE 1994*

# 1

Antes do amanhecer ele deu início à sua transformação.

Havia planejado tudo meticulosamente, de modo que nada pudesse sair errado. Levaria o dia inteiro, e não queria correr o risco de que o tempo não fosse suficiente. Pegou o primeiro pincel e o segurou à sua frente. No gravador de fita cassete que estava no chão podia ouvir a batida de tambores que havia gravado. Estudou seu rosto no espelho. Então desenhou as primeiras linhas pretas ao longo da testa. Notou que a mão estava firme. Bem, ao menos não estava nervoso. Ainda que fosse a primeira vez que estivesse usando sua pintura de guerra. Até esse momento ela fora meramente uma fuga, sua maneira de se defender das injustiças às quais estava continuamente sujeito. Agora estava passando pela transformação a sério. A cada traço pintado na face, ele parecia estar deixando para trás sua vida pregressa. Não havia volta. Nessa mesma noite o jogo estaria terminado para sempre, ele partiria para a guerra, e pessoas iriam morrer.

A luz no quarto era bem clara. Ele arrumara os espelhos cuidadosamente, de maneira que o brilho não lhe atingisse os olhos. Após ter trancado a porta atrás de si, havia primeiro se certificado de que tudo estava onde deveria estar: os pincéis bem limpos, as pequenas vasilhas de porcelana contendo tinta, as toalhas e a água, e junto ao pequeno tear suas armas, enfileiradas sobre um pano preto — três machados, facas com lâminas de diversos

comprimentos e latas de spray. Essa era a única decisão que ainda precisava ser tomada. Antes do anoitecer ele teria de escolher qual levar consigo. Não podia levar tudo. Mas sabia que a escolha se faria por si só uma vez que houvesse iniciado sua transformação.

Antes de se sentar no banco e começar a pintar o rosto, tinha testado o fio dos machados e das facas. Estavam todos afiados ao máximo. Não pudera resistir à tentação de pressionar uma das facas com um pouco mais de força. O dedo começara a sangrar. Ele havia enxugado o sangue e limpado a faca com uma toalha. Então se sentara diante de um dos espelhos.

Os primeiros traços na testa deviam ser pretos. Foi como se ele estivesse fazendo dois cortes profundos, abrindo o cérebro e esvaziando-o das memórias e pensamentos que o tinham assombrado a vida toda, atormentando-o e humilhando-o. Em seguida, as faixas vermelhas e brancas, os círculos, os quadrados, e finalmente as formas sinuosas nas bochechas. Nenhuma parte de sua pele branca deveria ficar visível. Então a transformação estaria completa. O que estava dentro dele teria ido embora. Ele nasceria de novo sob o aspecto de um animal, e jamais falaria como ser humano outra vez. Cortaria a língua se fosse necessário.

Pouco depois das seis da tarde, ele estava pronto. A essa altura, escolhera o maior dos três machados. Enfiou o cabo no grosso cinto de couro, no qual já havia duas facas em suas bainhas. Deu uma olhada geral no quarto. Nada fora esquecido. Meteu as latas de spray dentro dos bolsos do casaco.

Olhou para sua face no espelho uma última vez, e estremeceu. Cuidadosamente, colocou o capacete de moto na cabeça, apagou a luz e saiu, descalço, exatamente como entrara.

Às nove e cinco da noite, Gustaf Wetterstedt baixou o som da tv e ligou para a mãe. Era um ritual noturno. Des-

de que se aposentara como ministro da Justiça mais de vinte e cinco anos antes, deixando para trás todas as suas ocupações políticas, assistia aos noticiários com repugnância. Não conseguia se conformar com o fato de que não estava mais envolvido. Durante seus anos como ministro, um homem no centro absoluto do olhar público, havia aparecido na tv pelo menos uma vez por semana. Cada aparição sua fora meticulosamente convertida de filme para vídeo por um secretário e as fitas agora cobriam toda uma parede de prateleiras em seu escritório. De vez em quando ele as assistia de novo. Era uma grande fonte de satisfação ver que nem uma única vez em todos aqueles anos como ministro da Justiça ele perdera a compostura quando confrontado por uma pergunta inesperada feita por algum repórter malicioso. Recordava-se com irrefreável escárnio de quantos de seus colegas ficavam aterrorizados com os repórteres de televisão, como gaguejavam e se emaranhavam em contradições. Isso jamais lhe acontecera. Os repórteres nunca o haviam vencido. Tampouco haviam descoberto seu segredo.

Ele ligara a tv às nove para ver as principais chamadas. Então, baixou o volume. Puxou o telefone e ligou para a mãe. Ela estava agora com noventa e quatro anos, mas com uma mente clara e cheia de energia. Morava sozinha num grande apartamento na região central de Estocolmo. Toda vez que Gustaf erguia o fone e discava o número, rezava para que ela não atendesse. Ele próprio já passara dos setenta, e começara a ter medo que ela lhe sobrevivesse. Não havia nada que quisesse mais do que a morte dela. Então estaria sozinho e em paz. Não precisaria mais lhe telefonar, e em pouco tempo esqueceria até sua aparência.

O telefone tocou no outro lado da linha. Ele assistia ao âncora sem som. No quarto toque começou a ter esperança de que ela tivesse morrido. Então ela atendeu. Ele suavizou a voz ao falar. Perguntou como ela estava se sentindo, como fora seu dia, mas agora que sabia que ela ainda estava viva queria tornar a conversa o mais breve possível.

Finalmente desligou e sentou-se com a mão pousada sobre o telefone. Ela não vai morrer nunca, pensou. Não vai morrer nunca, a não ser que eu a mate. Tudo que conseguia ouvir era o rugido do mar, e então uma solitária bicicleta motorizada passando nas proximidades da casa. Caminhou até a grande janela do terraço de frente para o mar. O pôr do sol estava lindo. A praia abaixo de sua gigantesca propriedade estava deserta. Todo mundo sentado na frente da tv, pensou. Houve uma época em que se sentavam e me assistiam fazer picadinho dos repórteres, quando eu era ministro da Justiça. Eu deveria ter sido nomeado ministro do Exterior. Mas nunca fui.

Puxou as pesadas cortinas, certificando-se de que não restavam frestas. Embora tentasse viver da maneira mais discreta possível nessa casa localizada um pouco a leste de Ystad, bisbilhoteiros ocasionais ficavam a espíá-lo, curiosos. Apesar de já fazer vinte e cinco anos desde que deixara o cargo, não fora totalmente esquecido. Dirigiu-se até a cozinha e se serviu de uma xícara de café da garrafa térmica que comprara durante a visita oficial à Itália no final dos anos 1960. Lembrava-se vagamente de que havia ido discutir os esforços para impedir a propagação do terrorismo na Europa. Por toda a casa havia recordações da vida que levava. Às vezes pensava em jogar tudo fora, mas o esforço parecia não valer a pena.

Voltou ao sofá com o café na mão. Desligou a tv com o controle remoto e ficou sentado no escuro, repassando os fatos do dia. Pela manhã recebera a visita de uma jornalista de uma das grandes revistas mensais do país. Ela estava escrevendo uma série de artigos sobre pessoas famosas aposentadas, mas ele não conseguia realmente atinar a razão pela qual fora escolhido. Ela trouxera consigo um fotógrafo e tinham tirado fotos na praia e dentro de casa. Ele decidira de antemão que passaria a imagem de um velho simpático, reconciliado com seu passado. Descreveu sua vida atual como muito feliz. Vivia em reclusão de forma que pudesse meditar, disse, e deixou escapar com



fingido embaraço que estava pensando em escrever suas memórias. A jornalista, que estava na casa dos quarenta, ficara impressionada e fora claramente respeitosa. No final, ele os havia acompanhado até o carro, acenando quando eles partiram.

Não dissera uma única verdade durante toda a entrevista, pensou com satisfação. Essa era uma das poucas coisas que ainda tinham algum interesse para ele. Enganar sem ser descoberto. Continuar com o fingimento. Após todos os seus anos como político, compreendeu que tudo que restara era a mentira. A verdade disfarçada como mentira ou a mentira vestida como verdade.

Bebeu lentamente o resto de café. Sua sensação de bem-estar cresceu. O fim da tarde e a noite eram as melhores horas. Era quando seus pensamentos acerca de tudo que perdera submergiam, e ele se lembrava apenas daquilo que ninguém podia lhe roubar. A coisa mais importante. O segredo máximo.

Às vezes ele se visualizava como uma imagem num espelho ao mesmo tempo côncavo e convexo. Ninguém jamais vira nada a não ser a superfície: o eminente jurista, o respeitado ministro da Justiça, o gentil aposentado passeando na praia em Skâne. Ninguém teria adivinhado sua dupla identidade. Ele havia saudado reis e presidentes, havia se curvado com um sorriso, mas com seus botões pensava: *Se você ao menos soubesse quem eu realmente sou e o que penso de você.* Sempre que ficava diante das câmeras de tv mantinha o pensamento *Se vocês ao menos soubessem quem eu realmente sou e o que penso de vocês* em primeiro plano na mente. Seu segredo. Que ele detestava e desprezava o partido que representava, as políticas que defendia e a maioria das pessoas com quem se encontrava. Seu segredo permaneceria oculto até sua morte. Ele havia enxergado através do mundo, identificado todas as suas fraquezas, compreendido a ausência de sentido da existência. Mas ninguém conhecia sua percepção, e era assim que as coisas iriam ficar.

Sentiu um crescente prazer em relação ao que estava por vir. No dia seguinte seus amigos chegariam à sua casa pouco depois das nove da noite, no Mercedes preto com vidros escuros. Entrariam com o carro diretamente na garagem e ele os esperaria na sala de estar com as cortinas fechadas, exatamente como agora. Podia sentir sua própria onda de expectativa enquanto começava a fantasiar sobre como seria a menina que lhe trariam. Ele lhes dissera que ultimamente houvera loiras demais. Algumas também eram muito velhas, com mais de vinte anos. Dessa vez queria uma garota mais nova, de preferência mestiça. Seus amigos esperariam no porão, onde ele tinha instalado uma tv; ele levaria a jovem consigo para o quarto. Antes do amanhecer todos teriam ido embora, e ele já estaria imerso em devaneios sobre a garota que lhe trariam na semana seguinte.

Pensar na noite que o aguardava o deixou tão excitado que ele se levantou do sofá e foi até o escritório. Antes de acender a luz, fechou as cortinas. Por um momento viu a sombra de alguém lá embaixo, na praia. Tirou os óculos e esforçou-se para enxergar. Às vezes caminheiros noturnos paravam no limite de sua propriedade. Em várias ocasiões ele tivera de chamar a polícia de Ystad para reclamar de jovens acendendo fogueiras na areia e fazendo barulho.

Ele tinha um bom relacionamento com a polícia de Ystad. Eles atendiam imediatamente ao chamado e retiravam qualquer um que o estivesse perturbando. Jamais podia ter imaginado o conhecimento e os contatos que adquirira como ministro da Justiça. Não só aprendera a compreender a mentalidade que reina dentro da força policial como tinha feito amigos em postos estratégicos na máquina judiciária sueca. Igualmente importantes eram todos os contatos que fizera no mundo do crime. Havia criminosos inteligentes, indivíduos que trabalhavam sozinhos, assim como líderes de grandes organizações criminosas, de quem se tornara amigo. Mesmo que muita coisa tivesse mudado desde que deixara o cargo, ainda apreciava esses

velhos contatos. Especialmente os amigos que providenciavam que a cada semana ele recebesse a visita de uma menina de idade adequada.

A sombra na praia fora produto da sua imaginação. Ajeitou as cortinas e destravou um dos compartimentos da escrivaninha que herdara do pai, um distinto professor de jurisprudência. Tirou uma pasta cara e lindamente decorada e a abriu diante de si sobre a mesa. Bem devagar, reverentemente, folheou sua coleção de fotos pornográficas dos primeiros tempos da fotografia. O retrato mais antigo era uma raridade, um daguerreótipo de 1855 que ele tinha adquirido em Paris, e mostrava uma mulher nua abraçando um cachorro. A coleção era famosa no discreto círculo de homens que partilhavam esse interesse. Sua série de fotos de Lecadre da década de 1890 era sobrepujada apenas pela coleção de um idoso magnata do aço no Ruhr. Foi virando lentamente as páginas plastificadas do álbum. Demorava-se mais naquelas em que as modelos eram bem jovens e podia-se ver nos olhos delas que estavam sob o efeito de drogas. Ele muitas vezes lamentara não ter começado a se dedicar pessoalmente à fotografia mais cedo. Se o tivesse feito, seria então proprietário de uma coleção sem rival.

Ao terminar, trancou o álbum novamente na escrivaninha. Tinha arrancado dos amigos a promessa de que, quando morresse, eles ofereceriam as fotografias a um antiquário em Paris especializado na venda desses artigos. O dinheiro seria doado a um fundo de bolsas de estudo que ele já havia criado para jovens estudantes de direito, e que seria anunciado após sua morte. Apagou a lâmpada da escrivaninha e permaneceu sentado na sala às escuras. O som da maré estava muito fraco. Mais uma vez pensou ter ouvido uma bicicleta motorizada passando.

Apesar da idade, ainda achava difícil imaginar a própria morte. Durante viagens aos Estados Unidos, em duas ocasiões conseguira presenciar execuções anonimamente, a primeira na cadeira elétrica, a segunda na câmara de gás, o

que mesmo na época era bastante raro. Assistir a pessoas sendo mortas fora uma experiência curiosamente prazerosa. Mas sua própria morte ele não era capaz de contemplar. Saiu do escritório e se serviu de um cálice de licor no bar da sala. Já era quase meia-noite. Uma breve caminhada perto do mar era tudo que lhe restava fazer antes de ir para a cama. Vestiu o casaco no hall de entrada, meteu os pés num par de tamancos gastos e saiu.

Do lado de fora reinava a calma. Sua casa era tão isolada que ele não conseguia ver as luzes de qualquer um de seus vizinhos. Os carros na estrada para Kåseberga rugiam ao longe. Ele seguiu o caminho que descia através do jardim até o portão trancado que dava para a praia. Para seu aborrecimento, descobriu que a luz do poste próximo ao portão estava apagada. A praia esperava por ele. Pescou as chaves e destrancou o portão. Percorreu a curta distância até a areia e parou na beirada da água. O mar estava tranquilo. Ao longe viu as luzes de um barco rumando para oeste. Abriu a braguilha e mijou na água enquanto continuava fantasiando sobre a visita que teria no dia seguinte.

Embora não tivesse ouvido nada, de repente soube que havia alguém parado atrás dele. Retesou-se, tomado de terror. Então se virou.

O homem ali parado parecia um animal. Estava só de shorts. O velho olhou o rosto dele, apavorado. Não conseguiu ver se era deformado ou se estava oculto atrás de uma máscara. Numa das mãos o estranho segurava um machado. Em sua confusão, o velho notou que a mão em torno do cabo era muito pequena, que o homem parecia um anão.

Ele soltou um grito e saiu correndo de volta rumo ao portão do jardim.

Morreu no instante em que a lâmina do machado atingiu sua coluna, logo abaixo das espáduas. E não sentiu dor alguma quando o homem, que talvez fosse um animal, ajoelhou-se e fez um corte na sua testa, e com um puxão

súbito arrancou do seu crânio a maior parte do couro cabeludo.

Passava pouco da meia-noite. Era terça-feira, 21 de junho.

Uma bicicleta motorizada deu a partida em algum lugar das proximidades, e momentos depois sumiu.

Tudo estava calmo novamente.